

A reação da natureza

DF- clima
→ DF- meio ambiente

A ocupação desordenada do solo, sem compensação nem práticas sustentáveis, reduz a infiltração de água no terreno, comprometendo os recursos hídricos. Como resultado, vem a escassez de água, surgem as enchentes e a erosão, e a temperatura do ar sobe

» ARIADNE SAKKIS
» ADRIANA BERNARDES

Quem chegou a Brasília quando a cidade ainda vivia a dicotomia entre a timidez em número de habitantes e a imponência de sua arquitetura lembra como as madrugadas eram frias e como o vento entrava por qualquer fresta despercebida. E que o clima atmosférico, assim como tantos outros atores de um ecossistema, são sensíveis à densidade da vegetação de um lugar. E, quando o cerrado some para dar lugar a asfalto, não é apenas a temperatura que acompanha a mudança. Sem a devida compensação ambiental e a execução de práticas sustentáveis, vêm as enchentes, a erosão, a poluição do ar e o comprometimento dos recursos hídricos.

Muitas dessas consequências já fazem parte do cotidiano do jovem Distrito Federal. Pequenas pancadas de chuva são capazes de provocar alagamentos na área central de Brasília, arrastar casas e causar desmoronamentos fatais nas cidades periféricas. Crescem as áreas de erosão nos locais de onde se retirou a vegetação nativa sem dar nova destinação ao solo, seja para habitação ou agricultura. "O desmatamento é um dos maiores tiros no pé da humanidade", afirma o professor de ecologia e presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Paranoá, Paulo Salles.

A lógica é simples. Quanto menos vegetação há, menor é a infiltração da água no solo. Com isso, os lençóis freáticos são cada vez menos abastecidos, comprometendo o uso humano desse recurso. Á água que não tem como ser absorvida acaba se acumulando nas superfícies. Isso potencializa a chance de alagamento nas cidades, principalmente onde o estabelecimento urbano foi até a impermeabilização do piso, sem ser acompanhado por obras estruturais que substituam o que o solo virgem faz por si só.

O Plano Piloto e regiões como Lago Sul e Park Way, onde ainda há muita área verde, sofrem menos do que cidades como Ceilândia, Riacho Fundo e Samambaia, onde é difícil encontrar pausas verdes na paisagem. A falta de planejamento adequado para a reforma da Estrada Parque Taguatinga (EPTG) é visível em dias chuvosos. Os alagamentos são capazes de inviabilizar o trânsito. Até hoje, a chamada Linha Verde não tem um projeto paisagístico definido.

Além disso, quando a chuva infiltra, as plantas liberam a água paulatinamente. Retida na superfície, a evaporação é muito mais rápida. Salles explica que, embora o cultivo agrícola seja menos agressivo do que a combinação de concreto e asfalto, a remoção da cobertura vegetal original para dar lugar às lavouras

No limite

Atualmente, a produção de água no DF quase empata com o consumo do bem: produzimos 8,5m³ por segundo e temos a demanda média de 7,5m³ por segundo. Ou seja, o consumo abocanha 88% da produção.

exaure o solo, especialmente quando se trata de monocultura. "Com o solo empobrecido de nutrientes, os produtores têm de recorrer cada vez mais aos fertilizantes para manter a produtividade. Isso aumenta a chance de contaminação dos rios", explica.

Calor

A pernambucana Marinete Silva de Lima, 53 anos, não lembra o dia certo em que recebeu da Sociedade de Habitações de Interesse Social (SHIS) a casa própria, em Ceilândia, na qual moraria por 32 anos. Mas lembra como, em volta da nova moradia, havia um cerrado sem fim e como o tempo era mais ameno. "Era um frio danado aqui. Ventava muito. O inverno era muito bravo naquela época. Eu, que vinha do Nordeste, passei muito frio", relembra a aposentada. Ela viu crescer a parte da cidade que ficaria conhecida como P Sul, hoje uma das mais intensamente habitadas de Ceilândia. Na aridez de uma cidade sem árvores que produzam sombra, a impressão de Marinete é, na verdade, reflexo de uma constatação científica.

Na estrutura do Instituto Brasília Ambiental (Ibram) existe um setor que avalia periodicamente a temperatura do solo no Distrito Federal. O acompanhamento teve início em 2010 e reúne informações dos últimos 28 anos. Os mapas revelam que, quanto maior a ocupação urbana, maior é a perda de cobertura vegetal e mais alta é a temperatura da superfície do solo. O Programa de Monitoramento do Campo Térmico do DF usa imagens de satélite e, no futuro próximo, poderá identificar as áreas que favorecem a formação das chamadas ilhas de calor.

Para se ter uma ideia de como está mais quente, em 1984, a temperatura da superfície do solo na Asa Sul variava de 12°C a 16°C no mês de setembro. Em Ceilândia, um pouco mais alta: de 14°C a 20°C. Já em 2011, os termômetros registraram de 18°C a 20°C na Asa Sul e de 18°C a 28°C em Ceilândia. Enquanto na Asa Sul, o aquecimento girou entre 2°C e 4°C graus, em Ceilândia foi de 4°C a 8°C (veja arte). Entre os centros urbanos, o Plano Piloto tem as temperaturas mais baixas. É perceptível a elevação do calor na Asa Norte e no Eixo Monumental, onde há menos árvores, em comparação com a Asa Sul.



Alagamento em via marginal da EPTG: problema é recorrente na altura de Vicente Pires, que cresceu desordenadamente até virar região administrativa